ARTE COMO EXPERIÊNCIA: PROCESSOS CRIATIVOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

FABIANA BASTOS NUNES DE JESUS

RESUMO
Este artigo investiga os processos criativos no ensino de Artes Visuais e as estratégias que podem potencializar esse tipo de aprendizagem no contexto escolar. O objetivo é compreender de que forma a construção do pensamento criativo pode ser estimulada por meio de práticas pedagógicas que valorizem a experimentação, a liberdade de expressão e o protagonismo do estudante. A pesquisa adota abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica e análise reflexiva de experiências didáticas desenvolvidas no ambiente escolar. Parte-se da compreensão de que o processo criativo não é linear, mas sim aberto, subjetivo e construído a partir das interações entre o sujeito, o meio e as linguagens. O estudo evidencia que propostas educativas que priorizam o percurso criativo, e não apenas o produto final, favorecem o desenvolvimento da sensibilidade, da autonomia e da criticidade.

PALAVRAS-CHAVE: Processo criativo; Ensino de Artes; Educação estética; Prática pedagógica; Experimentação.

ABSTRACT
This paper investigates creative processes in Art Education and explores strategies to enhance artistic learning in school contexts. It aims to understand how creativity can be encouraged through pedagogical practices that promote experimentation, freedom of expression, and student autonomy. The study adopts a qualitative approach, based on bibliographic review and reflective analysis of teaching practices. It considers creative processes as open and subjective, built through interactions between individuals, environments, and artistic languages. Final considerations emphasize the importance of valuing the creative journey over the final product, fostering sensitivity, critical thinking, and meaningful learning.

KEY-WORDS: Tradução em inglês ou espanhol do resumo acima: até cinco palavras separadas por ponto e vírgula.

INTRODUÇÃO

O processo criativo no ensino de Artes Visuais tem ganhado destaque nas discussões pedagógicas contemporâneas por seu potencial de promover aprendizagens significativas, desenvolver a sensibilidade e ampliar as formas de expressão dos estudantes. Mais do que ensinar técnicas ou reproduzir modelos, a educação artística busca fomentar a experimentação, a imaginação e o pensamento crítico, respeitando os percursos individuais e coletivos de criação. Nesse contexto, a escola configura-se como um espaço fundamental para a valorização da arte enquanto linguagem plural, acessível e transformadora.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como os processos criativos podem ser estimulados no ensino de arte, considerando metodologias que priorizem o protagonismo do estudante, a liberdade de expressão e o fazer artístico como experiência. Para isso, parte-se da compreensão de que criar é um ato que envolve sensibilidade, pensamento e interação com o mundo, sendo fundamental que o ambiente escolar favoreça a investigação, o erro e a diversidade de linguagens. A abordagem adotada é qualitativa, com base em revisão bibliográfica e análise reflexiva sobre práticas pedagógicas no campo da arte-educação. A fundamentação teórica inclui contribuições de autores que discutem o ensino de arte, o desenvolvimento cognitivo, a inclusão e a experiência estética, permitindo uma visão ampla e crítica sobre o papel do professor e da escola na formação criativa dos sujeitos.

Este estudo parte da premissa de que o ensino de arte não deve estar limitado à técnica ou à estética formal, mas deve possibilitar ao aluno a construção de sentidos, a vivência de processos e o diálogo com diferentes contextos culturais e sociais. Para isso, é necessário repensar práticas pedagógicas que valorizem o percurso criativo, e não apenas o produto final da atividade.

Ao discutir os processos criativos na educação artística, este artigo também busca refletir sobre o papel do educador como mediador, facilitador e provocador de experiências, reconhecendo a importância de práticas que acolham a diversidade e incentivem o pensamento autoral. Ao compreender a arte como linguagem, amplia-se as possibilidades de expressão e de pertencimento no ambiente escolar, contribuindo para uma formação mais crítica, sensível e inclusiva.

DESENVOLVIMENTO

A criatividade é elemento central no ensino de arte, pois permite que o aluno se aproprie de diferentes linguagens e elabore respostas visuais, sonoras ou corporais a partir de seu próprio repertório. Nesse sentido, o processo criativo não se limita ao momento da produção artística, mas se estende à observação, reflexão, escolha de materiais, erros e descobertas. Criar é, portanto, investigar, construir sentido e produzir conhecimento.

Compreender a arte como experiência significa valorizar o percurso vivido e não apenas o resultado final. A produção artística escolar deve abrir espaço para o inusitado, para o simbólico e para a expressão subjetiva, respeitando os tempos e modos de cada aluno. Em vez de buscar uniformidade ou "obras bem-feitas", o ensino de arte deve estimular a singularidade e o envolvimento com o fazer criativo.

John Dewey destaca que "a experiência estética não é encerrada no objeto, mas se realiza na interação entre quem cria e o que é criado" (DEWEY, 2010, p. 27). Essa ideia reforça a importância de práticas pedagógicas que valorizem a experimentação e a construção coletiva do conhecimento, estimulando a sensibilidade e a escuta.

Além disso, Dewey (2010) argumenta que o aprendizado por meio da arte envolve corpo, mente e emoção de maneira integrada, permitindo que o estudante participe ativamente da experiência. Ao propor a arte como uma forma de viver e não apenas de representar, o autor amplia a noção de aprendizagem estética, reconhecendo o valor educativo do processo.

Do ponto de vista do desenvolvimento infantil, Viktor Lowenfeld já apontava que o ato de desenhar, pintar ou modelar está diretamente ligado ao crescimento emocional e cognitivo da criança. Para ele, o processo criativo permite que a criança compreenda o mundo e se posicione frente a ele, de forma simbólica e significativa.

Segundo o autor, "toda atividade criadora implica na expressão da personalidade total" (LOWENFELD; BRITTAIN, 1977, p. 24).

Nesse sentido, práticas artísticas que respeitam o ritmo da criança e sua capacidade de criação favorecem não apenas a expressão estética, mas também a autonomia, a autoestima e o desenvolvimento intelectual. A arte, nesse caso, não serve apenas como disciplina escolar, mas como espaço de construção identitária.

Lev Vygotsky também reconhece o papel da arte na formação do pensamento. Para o autor, a criação simbólica é essencial para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois permite ao sujeito reorganizar o real a partir de suas próprias referências culturais e emocionais. Vygotsky (2007) observa que o pensamento criativo nasce da relação entre imaginação e experiência, sendo, portanto, profundamente influenciado pelo contexto social.

Assim, o ambiente escolar torna-se um espaço de mediação fundamental para que o aluno desenvolva suas capacidades criativas. Quando o professor atua como facilitador e não apenas como transmissor de conhecimento, amplia-se o campo de possibilidades expressivas. Ao planejar situações de aprendizagem abertas, com múltiplas linguagens e possibilidades de experimentação, o docente estimula o aluno a construir seu próprio caminho criador.

Parte principal e mais extensa do trabalho, deve apresentar a fundamentação teórica, a metodologia, os resultados e a discussão. Divide-se em seções e subseções conforme a NBR 6024, 2003. 5 sendo o desenvolvimento um texto interativo entre o autor do trabalho e a literatura existente é válido ressaltar que o autor jamais poderá copiar partes da literatura consultada, sobe pena de cometer

crime de plágio (Crimes Contra a Propriedade Intelectual e violação de direito autoral, previsto no artigo 184 do Código Penal). Essa regra cabe em qualquer de elaboração do trabalho científico.

PROCESSOS CRIATIVOS, INCLUSÃO E A MEDIAÇÃO NO ENSINO DE ARTE

No contexto educacional, pensar em processos criativos vai além da experimentação com materiais ou da liberdade expressiva. Implica considerar a diversidade dos sujeitos em sala de aula, suas vivências culturais, sociais e emocionais. O ensino de arte, quando comprometido com a inclusão, precisa ser sensível às diferenças e intencional em suas estratégias pedagógicas, garantindo que todos os estudantes tenham acesso à experiência estética e criadora.

A educadora Ana Mae Barbosa defende que o ensino de arte deve articular três eixos fundamentais: fruição, contextualização e produção. Essa proposta, conhecida como Abordagem Triangular, permite que o aluno não apenas crie, mas também compreenda e reflita sobre a arte em diferentes dimensões. Segundo a autora, "a arte-educação não deve ser apenas uma prática intuitiva, mas uma ação pedagógica consciente e fundamentada" (BARBOSA, 2010, p. 35).

Ainda de acordo com Barbosa, ao possibilitar que os estudantes analisem obras, experimentem materiais e compreendam os contextos sociais e históricos das produções artísticas, o professor amplia o repertório cultural e estimula o pensamento crítico. Esse modelo de ensino incentiva o diálogo entre diferentes saberes, valorizando a diversidade cultural presente em sala de aula. Nesse sentido, Paulo Freire oferece contribuições fundamentais ao situar a educação como um ato político e libertador. A arte, nesse processo, não é neutra: ela pode tanto reproduzir opressões quanto promover autonomia. Para Freire (2019), "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" (p. 47). Essa afirmação reforça o papel do professor como mediador e provocador de experiências criativas e críticas.

Freire também ressalta a importância do diálogo e da escuta na relação pedagógica, elementos essenciais no ensino de arte. Quando o professor ouve, observa e valoriza a produção do aluno, ele reconhece aquele sujeito como autor de si mesmo e de seu processo. Trata-se de um caminho de respeito à identidade, ao tempo e ao modo de aprender de cada estudante.

No campo das artes cênicas, Augusto Boal desenvolveu o Teatro do Oprimido, método que utiliza o teatro como ferramenta de conscientização e transformação social. Para Boal (2009), "todos os seres humanos são atores – porque atuam – e espectadores – porque observam. Somos todos espectadores" (p. 15). Essa concepção rompe com a ideia de passividade do aluno e propõe a arte como prática ativa e dialógica.

O teatro, nesse contexto, torna-se um espaço de investigação e ressignificação da realidade. As técnicas propostas por Boal – como o teatro-fórum, o teatro-imagem e o teatro invisível – podem ser adaptadas ao contexto escolar como estratégias que incentivam a criação coletiva, o pensamento crítico e a expressão livre de diferentes grupos, inclusive os mais marginalizados.

Ao unir os pensamentos desses autores, percebe-se que o processo criativo não pode ser reduzido a um ato técnico ou estético. Ele é, antes de tudo, um ato político, pedagógico e afetivo, que demanda mediação sensível, compromisso ético e respeito à pluralidade. A inclusão, nesse cenário, não é uma adaptação, mas parte essencial do processo educativo e criador.

Portanto, pensar práticas inclusivas no ensino de arte significa oferecer caminhos múltiplos para a criação: trabalhar com diferentes materiais, propor atividades acessíveis, valorizar a oralidade, o corpo, o gesto, o erro e o improviso. Significa, também, reconhecer no estudante um criador em potência, independente de suas condições físicas, cognitivas ou socioculturais.

Diante de tudo isso, é possível afirmar que o processo criativo, aliado à mediação pedagógica sensível e ao compromisso com a inclusão, representa uma ferramenta potente para a transformação da prática educativa em arte. A criatividade não pode ser

vista como privilégio de poucos, mas como direito de todos os sujeitos que habitam a escola. Quando o ensino de arte acolhe a diversidade e estimula o fazer artístico como experiência, ele se torna um instrumento de emancipação, pertencimento e construção coletiva do conhecimento.

"A experiência estética ocorre quando o material experienciado corre até sua consumação. Então, e só então, existe uma obra de arte. A pintura não é uma obra de arte quando está sendo preparada, ainda que seja uma preparação ordenada; ela se torna uma obra somente quando os processos implicados em sua produção estão completos. (...) O ato de expressão que cria obras de arte é um processo contínuo que envolve tanto o criador quanto quem entra em contato com a obra." (DEWEY, 2010, p. 84)

Entendo que proporcionar espaço para que os alunos vivenciem o processo criativo é essencial para que se reconheçam como sujeitos capazes de pensar, expressar e transformar o mundo ao seu redor. O professor de arte não deve ser apenas um transmissor de técnicas, mas um mediador que incentiva a liberdade, a sensibilidade e o olhar crítico. Criar é também uma forma de existir com autenticidade e a escola precisa ser esse lugar onde a criação seja possível para todos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, com base em pesquisa bibliográfica, que visa compreender e analisar como os processos criativos se articulam no ensino de Artes Visuais, considerando também aspectos de inclusão e mediação pedagógica. A escolha dessa abordagem justifica-se pela natureza do problema investigado, que demanda uma análise teórica profunda e contextualizada, a partir do pensamento de autores consagrados na área da educação e arte-educação.

A pesquisa bibliográfica permitiu identificar, selecionar e interpretar obras fundamentais para o entendimento do objeto de estudo. O levantamento teórico contemplou livros, artigos científicos e produções acadêmicas publicadas em português, priorizando autores com reconhecida contribuição nos campos da arte, educação e desenvolvimento humano. As obras consultadas foram analisadas de forma crítica, com o objetivo de extrair conceitos, reflexões e práticas pedagógicas que subsidiassem a discussão proposta.

RESULTADOS

Como se trata de uma pesquisa bibliográfica, os resultados consistem na sistematização e organização das principais ideias e conceitos relacionados aos processos criativos no ensino de arte e à inclusão, conforme apresentados pelos autores estudados. A análise revelou que os processos criativos são compreendidos como experiências complexas que envolvem não apenas a produção estética, mas também a mediação pedagógica, a autonomia do aluno e o contexto social em que está inserido.

Os estudos indicam que o processo criativo deve ser entendido como uma prática integrada, que envolve percepções sensoriais, emoções e raciocínio. John Dewey, por exemplo, ressalta que a experiência estética ocorre na interação entre o sujeito e a obra, criando um ciclo dinâmico de produção e fruição. Isso sugere que o ensino de arte deve proporcionar momentos de experimentação e reflexão, respeitando o ritmo e as escolhas dos alunos.

Além disso, o desenvolvimento artístico é fortemente influenciado pelo ambiente social e cultural, conforme apontam Vygotsky e Lowenfeld. Esses autores enfatizam que a criação é um processo mediado pelo contexto, e que o suporte do professor é essencial para que o aluno expanda suas capacidades criativas. É fundamental que a escola funcione como um espaço acolhedor e desafiador para o crescimento pessoal e artístico.

Outro ponto relevante encontrado na literatura é o papel da inclusão na educação artística. Paulo Freire destaca que a educação deve ser um processo libertador, que reconhece e valoriza a diversidade dos sujeitos. Nesse sentido, a arte pode ser um caminho para a construção da identidade e do pertencimento, oferecendo a todos os estudantes a oportunidade de expressão e participação.

Por fim, os resultados apontam para a ne-

cessidade de práticas pedagógicas que integrem teoria e prática, dialogando com os saberes dos alunos e promovendo a troca cultural. Augusto Boal demonstra que o fazer artístico pode ser também uma ação política, capaz de transformar realidades e fortalecer a autoestima dos estudantes. Dessa forma, o ensino de arte ganha dimensão social e ética, contribuindo para a formação integral do indivíduo.

DISCUSSÃO

Ao confrontar as ideias dos autores, observa-se convergência na compreensão do processo criativo como uma prática pedagógica ampla, que ultrapassa a simples execução técnica para envolver questões éticas, sociais e afetivas. Dewey e Lowenfeld enfatizam o valor da experiência estética como aprendizagem integrada e desenvolvimento da personalidade, enquanto Freire e Boal colocam a dimensão política e libertadora da arte no centro da educação.

A discussão evidencia que a mediação do professor é crucial para que o aluno se engaje efetivamente no processo criativo, sobretudo quando se trata de um ambiente inclusivo. A teoria de Vygotsky sobre mediação e desenvolvimento reforça que a aprendizagem artística deve considerar o contexto social e cultural, garantindo que diferentes formas de expressão sejam acolhidas e valorizadas.

Além disso, a inclusão no ensino de arte não pode ser entendida apenas como um ajuste formal ou uma adaptação pontual. É uma prática que demanda a reestruturação das abordagens pedagógicas, para que se considerem as especificidades de cada estudante. Paulo Freire alerta para o risco de uma educação bancária, que desconsidera as vozes e experiências dos alunos. Assim, o ensino artístico deve ser flexível e aberto, proporcionando múltiplos caminhos para a criação e a expressão.

A prática inclusiva, fundamentada no respeito à diversidade, potencializa a criatividade ao favorecer a troca entre diferentes culturas, perspectivas e modos de ver o mundo. Augusto Boal, com seu Teatro do Oprimido, exemplifica como a arte pode ser um instrumento para dar voz a grupos marginalizados, promovendo a reflexão crítica e a transformação social dentro e fora da escola.

Por fim, o conjunto das teorias estudadas reafirma que o ensino de arte é, essencialmente, uma construção coletiva, mediada pelo diálogo, pela escuta e pela valorização do processo de cada sujeito. Para que os processos criativos se desenvolvam plenamente, é preciso que o professor seja um facilitador sensível, que reconhece o aluno como protagonista e que utiliza a arte como ferramenta de inclusão, emancipação e aprendizagem.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa bibliográfica teve como objetivo refletir sobre os processos criativos no ensino de arte e sua relação com a inclusão escolar, a partir de uma análise teórica fundamentada em autores que se destacam nas áreas da arte educação, pedagogia crítica e psicologia do desenvolvimento. Ao longo do estudo, foi possível perceber que o processo criativo vai muito além da execução técnica e estética; ele é uma vivência simbólica, expressiva e transformadora que precisa ser valorizada e respeitada dentro do ambiente escolar.

A arte, quando tratada como experiência, conforme propõe John Dewey, revela-se um espaço pedagógico essencial para a formação integral do sujeito. A criação artística permite que o estudante conecte emoção, razão e ação, promovendo uma aprendizagem que não está apenas centrada no conteúdo, mas no sentido e na sensibilidade. Essa visão fortalece a ideia de que a educação em arte deve considerar o processo como mais importante que o produto final, favorecendo o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Viktor Lowenfeld e Lev Vygotsky, por sua vez, contribuíram significativamente para a compreensão do desenvolvimento cognitivo e emocional por meio da expressão artística. A arte se apresenta como linguagem fundamental para que crianças e jovens expressem seus sentimentos, ideias e conflitos, construindo sua identidade em diálogo com o mundo ao redor. O professor, nesse contexto, deixa de ser apenas um transmissor de conhecimento e passa a ser um mediador sensível e atento aos percursos criativos de

cada aluno.

Ana Mae Barbosa propõe, com a Abordagem Triangular, uma prática pedagógica integrada entre apreciação, contextualização e produção, mostrando que o ensino de arte deve ser reflexivo e culturalmente situado. Essa proposta reforça a importância de ampliar o repertório dos estudantes, estimulando o olhar crítico e o respeito à diversidade cultural, estética e simbólica.

A inclusão, abordada por Paulo Freire e Augusto Boal, aparece como elemento central na construção de uma educação verdadeiramente democrática. Freire defende o diálogo e a escuta como pilares da prática pedagógica, enquanto Boal propõe a arte como instrumento de participação social. Ambos afirmam que todo sujeito tem o direito de aprender, criar e se expressar – e que o papel do educador é garantir condições reais para que isso aconteça, independentemente das diferenças.

Com base nesse referencial, conclui-se que o ensino de arte precisa estar comprometido com práticas que acolham a diversidade dos estudantes, valorizem seus percursos e respeitem seus modos de aprender. Estimular o processo criativo não é apenas desenvolver habilidades artísticas, mas promover autonomia, autoestima, pensamento crítico e participação social. Para isso, é fundamental que os professores tenham formação continuada, acesso a materiais e liberdade pedagógica para planejar atividades significativas e inclusivas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BOAL, Augusto. O teatro do oprimido e outras poéticas políticas. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 28 ago. 2025.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=-download&alias=15874 -diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-basica&Itemid=30192. Acesso em: 28 ago. 2025.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf. Acesso em: 28 ago. 2025.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. Desenvolvimento da capacidade criadora. 16. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.